



Kid Reagan o xerife das multas

Última página

Mais feijão, fora João, povo exige CONSTITUINTE!

Protesto nacional da oposição dá nova força à luta pela Constituinte livre e soberana nas fábricas e bairros. Trabalhadores querem Assembléia convocada por um regime democrático e não um Figueiredo qualquer. Página 3

Operários relembra em S. Paulo revolução de 1917

Dia 7 de novembro
1.800 pessoas ouviram
palestra de João Amazonas
sobre a luta pelo triunfo
do socialismo. Página 3



A caravana dos familiares dos guerrilheiros cercada pelo carinho do povo

Eleição no Sindicato dos Metalúrgicos No Rio chapa 2 é a melhor

Página 4

A guerra que o Araguaia não esquece

Última página

Editorial

Opção pelo endurecimento

Os monopólios norte-americanos optaram pela política do endurecimento, de Ronald Reagan, para enfrentar a crise do capitalismo. O novo presidente, rancoroso, ameaça movimentos de libertação e fala em usar a força, como se o mundo devesse obediência aos Estados Unidos.

Mas os imperialistas americanos estão isolados e são odiados pelos povos de todo o mundo. O endurecimento de suas posições aumenta o perigo de guerra, mas força também o aceleramento da luta revolucionária.

* No Brasil, também sem conseguirem resolver as dificuldades, os generais vão esgotando as mágicas da abertura e tendem a endurecer para frear a luta dos democratas.

Estes repeliram com vigor os atentados terroristas. Denunciaram três generais como envolvidos na "Operação Cristal". Depois disso, o general Figueiredo visitou em São Paulo seu velho amigo Milton Tavares. O ministro do Exército elogiou fartamente o general Coelho Neto. Vários militares de alta patente homenagearam no Rio Grande do Sul o general Bandeira. Tudo indica que houve um acordo para cessarem os atentados. Mas toma corpo uma nova onda, dirigida contra o clero progressista e forças conseqüentes, em particular o PC do Brasil.

O general Coelho Neto faz declarações provo-

cadoras, no velho estilo fascista. O governo expulsa o padre Vito e coloca outros sob ameaça. Setores da própria Igreja são acionados para fazerem propaganda de direita. Pela primeira vez desde a anistia alguém é chamado a depor na Polícia Federal. São manobras visando uma ofensiva.

* A continuidade do regime é cada vez mais precária. Ele só sobrevive às custas de golpes, um após outro. Cada caso no Parlamento é uma crise, que só se resolve com manobras e pressões. Militares de menos confiança do grupo dominante vão para o ostracismo, como no caso recente de ex-assessores do general Hugo Abreu.

O povo percebe que a única resposta eficaz é ampliar e radicalizar as lutas de massas. Setores sempre mais vastos engrossam a luta por uma Constituinte livre e soberana com a prévia liquidação do regime militar. A perspectiva é de isolamento crescente do governo.

A classe operária sente que não pode deixar-se isolar e que deve ajudar na prática as massas a fazer seu aprendizado. Acumula forças e prepara-se para intervir na crise que amadurece rapidamente. Nesta situação, uma frente única ampla e combativa, representativa das forças democráticas e da unidade popular, é o meio seguro de conquistar a liberdade sem restrições e abrir caminho para uma democracia popular rumo ao socialismo.



Cebola para o lixo

Goiania, GO — Enquanto a população de Goiania comprava o quilo de cebola a 35 cruzeiros, mais de 400 toneladas deste alimento foram atiradas no aterro sanitário da prefeitura da cidade. Na foto, um dos caminhões carregados de cebola destinada ao lixo.

A cebola foi comprada pela Central Brasileira de Abastecimento (Cobal), no vale do rio São Francisco. O diretor comercial da Cobal, Rubens Wilke, argumentou com as "condições climáticas" para tentar justificar sua incompetência. (da Sucursal de Goiania)



Funcionários do setor de Saúde solidarizam-se com os demitidos

Povo apóia demitidos

Piracicaba, SP — Piracicaba ficou conhecida como uma "ilha da democracia" por sediar o 32º Congresso da UNE. O prefeito João Hermann Neto desfez esta imagem ao demitir três funcionários municipais, num ato de perseguição política. Alegou o prefeito estar demitindo estes funcionários por terem manifestado publicamente sua oposição à chapa à que concorreu as eleições do Sindicato dos Metalúrgicos de Piracicaba.

Nesta cidade, os três funcionários demitidos são muito conhecidos por suas atividades nos bairros da periferia e por sua atuação política como autênticos democratas. À frente do Programa Municipal de Saúde, enaram e desenvolveram um sistema municipal de atenção médica, considerado como o melhor programa desenvolvido no município nos últimos anos.

Hospital parado

São Paulo, SP — Nodia 7 último, em assembleia realizada no hospital São Paulo, os alunos, médicos-residentes, pós-graduandos, funcionários e professores deste hospital-escola, decidiram a ida em massa para Brasília a fim de pressionar o governo para liberar as verbas para continuar o seu funcionamento.

No final do ano passado o hospital ficou desativado durante três meses por falta de verbas. Desta vez a situação chegou a um ponto crítico, faltando desde os medicamentos básicos até comida para os funcionários. Diante deste quadro, a partir do dia 17 de outubro os médicos-residentes deixaram de ir para o trabalho.



"Invasores" exigem na prefeitura desapropriação do terreno onde moram

Chega de prefeito assim

Goiania, GO — Cerca de 300 "invasores" compareceram à Prefeitura de Goiânia, dia 3 de outubro, para exigir do prefeito Índio do Brasil Ariga a desapropriação dos terrenos onde moram. Estes moradores representam seis setores da capital e mais de três mil famílias.

Após uma tumultuada reunião, os moradores saíram da prefeitura em passeata e se dirigiram até a catedral, sendo recebidos por um representante da Comissão Justiça e Paz. (da Sucursal)

O imperialismo e a revolução

O livro de Enver Hodia é uma poderosa arma nas mãos dos trabalhadores, em defesa de seus interesses fundamentais

Pedido de compra
Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Estado: _____
Cidade: _____ CEP: _____ Fone: _____

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA
Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.
ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cidade: _____
Estado: _____ CEP: _____ Fone: _____

Novos rumos no MCC

O Movimento Contra a Carestia vem se preparando para seu I Congresso Nacional, que será realizado entre 6 e 7 de dezembro em Belo Horizonte, Minas Gerais. O Congresso fará um balanço das atividades do Movimento até agora e traçará os novos rumos da luta contra a carestia e por melhores condições de vida para o povo.

NOVOS RUMOS

Muita coisa mudou desde o surgimento do MCC em 1973, em São Paulo, traduzindo o descontentamento das donas-de-casa, dos trabalhadores e do povo em geral contra o aumento dos preços e a desvalorização dos salários. O Movimento Contra a Carestia espalhou-se rapidamente por oito Estados.

As lutas populares entraram numa nova fase. A insatisfação dos trabalhadores com suas precárias condições de vida e de trabalho encontrou novos canais de expressão e desembocou nas greves de 1978, 1979 e 1980. Conquistou-se na prática o direito de greve e manifestação. Os exilados políticos voltaram ao país em decorrência da vitória, mesmo parcial, da luta pela anistia. Diversos movimentos populares co-

mearam a tomar corpo, conquistando espaço no cenário político.

A nova realidade criada não foi compreendida de imediato pelo MCC e, embora os preços continuem a subir vertiginosamente, ele sofreu certo esvaziamento em alguns lugares. O I Congresso Nacional vai reunir representantes dos oito Estados onde o Movimento está estruturado, para discutir os novos rumos que a luta contra o aumento do custo de vida deverá assumir frente a essas mudanças.

PREPARATIVOS

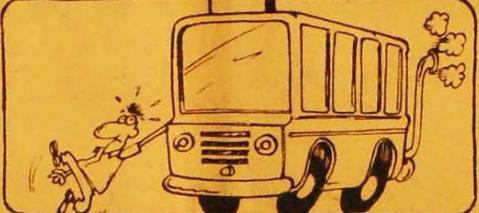
Agora, os Estados preparam-se para levar novas propostas ao Congresso de Belo Horizonte. Várias plenárias são realizadas para debater com as bases o desenvolvimento dessa luta.

No decorrer dessas reuniões, vem se chegando a um consenso quanto a questões importantes na redefinição dos rumos do MCC. Uma delas é que o Movimento não é uma organização permanente de massas, não tem uma estrutura acabada, como ocorre, por exemplo, com os sindicatos. É mesmo um movimento de verdadeira aceção da pala-

tra. Portanto, precisa de formas de organização mais flexíveis, tendo como ponto de referência as entidades de massas, e formado com elas coordenações locais e uma coordenação nacional.

Em outras palavras, os ativistas do MCC julgam que ele precisa basear-se nas organizações permanentes de massas, principalmente nos sindicatos e Associações de bairros. Como afirmou um diretor do Sindicato dos Padeiros de São Paulo, "o MCC precisa de uma retaguarda, e essa retaguarda são os sindicatos. Sou membro da Executiva da Unidade Sindical e venho batalhando para que ela também assuma essa luta, que é de todos os trabalhadores".

Finalmente, é ponto pacífico para todos que o MCC deve ser o mais amplo possível, congregando todos os setores interessados em combater a alta dos preços. Como declarou uma dona-de-casa paulista: "são os ricos, que têm tudo, são contra esse movimento. O resto do povo está passando fome. Precisamos nos unir e lutar. Prá Deus, temos que pedir saúde e coragem para continuar na briga. O resto é com a gente." (Olivia Rangel)



Mobilização por ônibus

Cachoeirinha, RS — Foi realizada dia 19 de outubro uma concentração popular com cerca de 400 pessoas, para protestar contra a má qualidade do transporte coletivo nesta cidade. O prefeito e o vice-prefeito, na última hora negaram a ceder o local combinado, querendo com isto boicotar o movimento. Mas a comissão coordenadora manteve-se firme e decidiu fazer o ato em frente à prefeitura e denunciar esta atitude do prefeito.

Em função destas manobras, além de debilidades na preparação do encontro, todas as demais correntes consideraram que o mais correto seria reconhecer apenas o voto por entidade. E abrindo mão de suas divergências, procuraram formar uma frente no sentido de realizar um encontro unitário, capaz de fazer avançar o processo de reorganização da entidade municipal, a ULES.

"Oposição" vitoriosa

São Paulo, SP — Os estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo mostraram na eleição do dia 23 de outubro o grau de consciência e comprometimento com a democracia e as lutas do povo brasileiro. Participaram da eleição cerca de 1.400 estudantes, sendo que a chapa Oposição derrotou as forças retrógradas que se mascararam de democratas, com uma diferença de mais de 300 votos.

Abertas que chegaram a contar com 120 estudantes, onde se tirou o programa da chapa.

A nova diretoria pretende democratizar o D. A. 11 de Agosto, fazendo com que seus departamentos funcionem através da participação dos estudantes e na promoção de atividades culturais e políticas. Defendem o ensino público e gratuito, 12% do orçamento da união para a educação e o repúdio à Lei de Segurança Nacional e à Lei dos Estrangeiros. Exigem o fim do regime militar e a convocação de uma Assembleia Constituinte livre e soberana.

Morte e processos

A chamada abertura política do general Figueiredo vem revelando cada vez mais sua fragilidade. As lideranças populares e trabalhistas continuam cercadas pela legislação fascista em vigor. Os que mais se destacam no combate ao regime são ainda presos, perseguidos e até mortos.

Em Belo Horizonte, 7 jornalistas foram demitidos e encontram-se ameaçados de enquadramento na Lei de Segurança Nacional, por divulgarem um manifesto atribuído ao Comitê Regional do Partido Comunista do Brasil no dia 7 de setembro. Segundo se informa, os jornalistas, que trabalhavam na Agência Jornal do Brasil, receberam o documento pelo correio e o enviaram para o Rio de Janeiro, onde foi lido no rádio. A direção da empresa decidiu então demitir os responsáveis.

Princípios

Aguarda-se para breve o lançamento de Princípios, uma revista teórica, política e de informação a serviço da propagação do socialismo científico no Brasil

Tribuna Operária

Revista mensal - 100 páginas - 100 mil exemplares

Editorial: Rua Conselheiro Benedito, 301 - 01208 - São Paulo, SP - CEP 01208-000

Redação: Rua Conselheiro Benedito, 301 - 01208 - São Paulo, SP - CEP 01208-000

Assinaturas: Rua de Janeiro 8, Anjos, 01064 - São Paulo, SP - CEP 01064-000

Assinaturas: Rua de Janeiro 8, Anjos, 01064 - São Paulo, SP - CEP 01064-000

Secundaristas Congresso desunido

Rio de Janeiro, RJ — Nos dias 8 e 9 deste mês, reuniram-se cerca de 700 estudantes secundaristas no Rio de Janeiro. Representavam 63 entidades, vindo de 14 estados, para a realização do 2º Encontro Nacional de Estudantes do 2º grau.

Acertando certas provocações e formando-se um tumulto no plenário. Aproveitando o conflito, a ULES-SP lançou inesperadamente uma nota dando a reunião por encerrada e convocando o 3º Encontro, sem discutir com as outras entidades. Todas as demais correntes se reuniram e procuraram tirar orientações unitárias para a preparação do 3º Encontro, que se dará nos dias 14 e 15 de março em Goiânia.

Tinha ficado acertado que nestes encontros os votos seriam por entidade e também por delegados escolhidos nas escolas. Na prática alguns divisionistas trouxeram delegados fantasmagóricos onde não foram feitas assembleias e nem mesmo reuniões com um mínimo de representatividade.

Também foram aprovadas algumas posições políticas básicas que devem orientar os secundaristas neste período: por 12% do orçamento para educação; contra o ensino pago; liberdade de organização e expressão; por uma Constituinte livre e soberana precedida da derrubada da ditadura. (Da sucursal)



Construído pelo povo

Jequié, BA — Camponeses com recursos próprios e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jequié construíram um grupo escolar com duas salas de capacidade para 180 alunos. Duas professoras serão contratadas para ensinar os alunos. A prefeitura de Iramá nunca deu atenção à educação no município.

ERRATA
Por problema de revisão, na legenda da foto da matéria sobre o Congresso da UNE, (página 8 do nº 27) foram omitidos os nomes de Marcelo Barbieri e Danilo Fortes, membros da chapa Vitoriosa.

Congresso estudantil

Paulo Afonso, BA — Durante os dias 1 e 2 de novembro, realizou-se nesta cidade o I Congresso dos Estudantes de Ensino Universitários de Paulo Afonso (CEUSPA). Os estudantes que desejarem informações escrevam para Rua S. Francisco, 134, Paulo Afonso - BA.

Manobra da UNATE
Maceió, AL — Procurando manter os trabalhadores do setor de enfermagem desunidos e desmobilizados, a União de Iencos de Enfermagem (UNATE) manobrou para evitar a participação dos sindicatos de enfermeiros no XIII Congresso Nacional de Estudantes, realizado no final do mês de outubro em Maceió. Protestando contra a manobra, o presidente do Sindicato dos Enfermeiros, José Bernardo da Silva, distribuiu nota alertando que as reivindicações da categoria compete principalmente aos sindicatos.

Comemorações da TO

Aniversário da Tribuna — Cerca de 80 pessoas compareceram às comemorações do 1º aniversário da TO na sucursal de Recife, PE. Participaram da festa lideranças estudantis, representantes da imprensa alternativa e grupos de apoio ao jornal no interior dos Estados etc. No dia 19 de outubro o jornal foi lançado em Casével, PR, nas comemorações de seu primeiro ano de vida. Cerca de 20 pessoas, entre lideranças locais dos movimentos de massas e tribuneiros de Curitiba, Londrina e Toledo participaram dos festejos. Em Curitiba, centenas de populares participaram da festa do jornal na Vila N. Sra. das Graças. A festa da TO também foi comemorada em Jequié, na Bahia, com a presença de 40 pessoas. Na mesma ocasião foi fundada a sucursal da Tribuna em Garibaldi, RS, por iniciativa de um grupo de jovens estudantes e operários.

Abaixo-assinados
Guanambi, BA — Mostrando o seu descontentamento com as péssimas condições de ensino e material do Colégio Estadual Gov. Luis Viana Filho, os estudantes assinaram em seu terreno de sua entidade, o "C.U.P." para reivindicar seus direitos. Foi feito um abaixo assinado com 1.200 assinaturas reivindicando o reaparelhamento total do colégio além da mudança do sistema de notas. No dia 23 de outubro com a presença de 200 alunos foi entregue o abaixo-assinado. Também foi feito um outro abaixo-assinado entregue ao secretário de Educação, Eraldo Pinheiro, no dia 30, pedindo mais verbas para educação.

Agronomia em greve

Londrina, PR — Alunos do curso de Agronomia da Universidade Estadual de Londrina iniciaram no dia 29 de outubro a sua luta por melhores condições de ensino, com uma passeata pelo Campus da universidade. Cantando e gritando palavras de ordem, os estudantes soltaram um texto aos colegas esclarecendo os motivos de sua paralisação. Desde que se iniciou o curso, em 1978, os alunos de agronomia vêm enfrentando uma série de problemas, como falta de material para aulas práticas, indefinição de currículo e principalmente falta de orientação de professores.

Constituinte foi à fábrica

A chuva fina e fria continua, mas na porta da Metal Leve, na Zona Sul de São Paulo, muitos operários não mostram pressa em entrar. Lá dentro, vai começar mais uma jornada de exploração do trabalho pelo capital. E na portaria o ambiente está animado, com vários operários distribuindo aos que chegam um panfleto pela Constituinte livre e soberana.

Um deles, enquanto distribui os papéis, vai agitando o assunto: "Vamos pegar, minha gente, que é contra o governo que está matando o trabalhador de fome!" é pela liberdade e contra o Figueiredo e o Maluf! Vamos ajudar a pôr abaixo esse governo!" O operário agitado é Aurélio Peres, deputado federal, que passa três dias da semana em Brasília e o restante junto à sua base, principalmente os metalúrgicos da Zona Sul paulistana. Nessa terça-feira mesmo ele acordou de madrugada, já passou com seu Volkswagen de logo estará na Toshiba.

É CONTRA O GOVERNO

Os operários entram na fábrica lendo o panfleto, interessados. É verdade que a maioria ainda não sabe o que é uma Assembleia Constituinte. Mas são atraídos pela ideia chave: é contra o governo; é para mudar esse governo!

"Constituinte? Tranquilo que sou a favor — diz um operário ainda jovem. — O salário aí tá de matar o povo de fome!"

Se o Figueiredo e o Maluf tivessem saído seis meses atrás tinham feito é um favor". Num vend de café, diante do portão da firma, outro metalúrgico garante que "a turma gostaria" de conseguir a Constituinte, e que ele mesmo irá à manifestação do dia 15, porque "todas as lutas da categoria até hoje eu acompanhei, na última greve enfrentamos a polícia, eu tive até de pular este muro ali".

E quando o trabalhador fica sabendo o que é mesmo está lutando, não há de corpo e alma. É verdade que a Constituinte não enche a barriga de ninguém, mas a luta por

A Tribuna foi às metalúrgicas e aos bairros da periferia de São Paulo ver como o trabalhador encara a campanha pela Constituinte. A disposição é de entrar na briga, e para valer, para por abaixo o governo atual.

ela e também pelo feijão, pelo salário, pela terra, pela liberdade política e sindical. No fundo, a campanha que começa neste 15 de novembro é a ofensiva geral para afastar do poder quem manda atualmente no Brasil e deixar a maioria decidir, livremente, soberanamente, como deve ser este país.

ESCLARECER MILHÕES

O passo seguinte, na consciência do trabalhador, é que também os seus companheiros precisem entender e abraçar esta bandeira. No bairro proletário do Cangaíba, periferia leste de São Paulo, durante um dos muitos debates organizados

pelo Brasil afóra para convocar a manifestação do 15 de novembro, seu João coloca o problema: "É preciso esclarecer o que é Constituinte, porque o operário só luta pelo que ele sabe que é bom. E eu mesmo, para dizer a verdade, só hoje fiquei sabendo o que é".

Já seu Pedro Oliver, operário aposentado, 55 anos, sabe o que é uma Constituinte. Ele está na luta desde 1946, lembra-se da Constituinte daquele ano e tem sua opinião. Ressalta a importância dos trabalhadores "terem seus legítimos representantes numa assembleia assim, por exemplo para elaborar uma nova CLT". Mas seu Pedro mostra também as limitações desta

campanha, que é uma grande batalha, mas não é toda a guerra dos trabalhadores. "Poderá haver melhora — diz ele — mas relativa. Quando a classe operária estiver no poder, então sim, vão ser outros quinhentos!"

UM PRIMEIRO PASSO

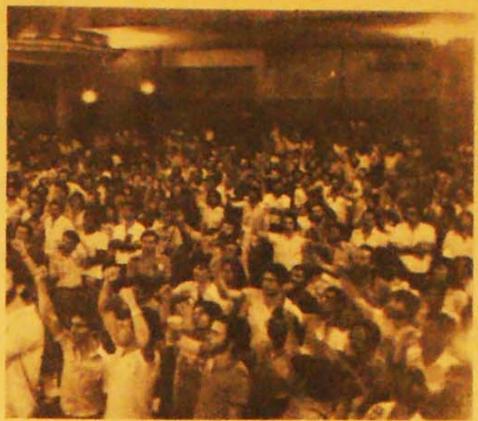
O 15 de novembro, dia nacional de protesto contra o adiamento das eleições municipais e de luta pela Assembleia Constituinte livre e soberana, surge como o primeiro passo dessa campanha. Tem o merito de unir amplas forças políticas, representativas da grande maioria da oposição. É um bom começo.

Mas é apenas o começo, pois a perspectiva da campanha é prosseguir, nos planos político, de propaganda e organizativo, para galvanizar grandes massas e para lançar-las à ação.

(Bernardo Joffily)



Na Metal Leve, SP, os operários receberam com interesse a convocação para o protesto do dia 15



Mil e oitocentas pessoas foram ouvir Amazonas no cine Roxy

REVOLUÇÃO DE 1917 FESTEJADA EM SP

"O socialismo é o futuro do Brasil"

Apesar da chuva que caía forte, 1.800 pessoas, na maioria operários, encheram o auditório do cine Roxy, no velho bairro proletário do Brás. Não foram lutar simplesmente por melhores salários, mas por uma causa mais elevada, pela abolição de toda a escravidão capitalista. Convocados pelo Centro de Cultura Operária, foram comemorar o 7 de novembro, 63º aniversário da revolução socialista na Rússia.

O auditório ouviu, entusiasmado, uma palestra do dirigente comunista João Amazonas, sobre o capitalismo e o socialismo.

"CRISE E INCAPACIDADE"

"Também o Brasil — disse João Amazonas a certa altura, entre fortes aplausos — o Brasil será socialista. Haverá por acaso outra alternativa de fundo para os graves problemas que o Brasil enfrenta? Aqui tudo está em crise, crônica e estrutural. Os próprios membros do governo são obrigados muitas vezes a confessar. Crise na produção, crise nas finanças, crise hospitalares, crises serviços de saúde, crise no abastecimento dos gêneros de primeira necessidade, crise no sistema penitenciário, crise no regime político, crise na moral. "Crise e incapacidade. A burguesia e os latifundiários aburguesados já demonstraram uma e mil vezes serem incapazes de resolver os problemas cruciais da nossa terra e da nossa gente. Que significa tudo isso? Significa que é chegada a época dos destinos do país passarem à outras mãos. Se a burguesia e os latifundiários não têm condições de resolver os problemas fundamentais do país, cabe ao proletariado e a outras forças sociais ocuparem o seu lugar."

A META É O SOCIALISMO

"Nos, os comunistas — prosseguiu Amazonas — lutamos na conjuntura atual para livrar o país do regime militar

há 16 anos no poder. Defendemos uma ampla frente democrática. Fugamos por um governo democrático e de unidade popular, que assegure a liberdade política mais completa possível, afim de que seja convocada uma Constituinte livremente eleita. Lutamos para que se criem as condições dentro das quais o povo brasileiro, consciente e em liberdade, possa escolher o seu próprio destino. Mas o destino que defendemos e defenderemos para nossa gente é a democracia popular rumo ao socialismo.

"Nosso país possui já uma grande classe operária, que se levanta e começa a lutar. Possui também uma imensa massa de camponeses sem terra que se levanta em todos os quadrantes do país para lutar por seus direitos indiscutíveis. Um dia, a classe operária aliada com os camponeses há de varrer para sempre com os entraves torçamos tão infelizes a nossa Pátria rica e querida detetados nós."

"OUTROS DISPAROS SOARÃO"

Concluindo, Amazonas afirmou: "A 7 de novembro de 1917, o eco dos canhões do Cruzador Aurora, disparados contra o Palácio de Inverno em Petrogrado, ameaçou aos povos, aos explorados e oprimidos de todos os Continentes, de todas as raças, de todas as línguas a grande nova: chegada a hora da libertação, da emancipação social dos que tudo produzem e nada têm, a época das revoluções proletárias.

"Outros disparos sobre outros palácios ainda se farão ouvir. E os punhos vigorosos dos emancipados, por cima das fronteiras de todos os países, há de se encontrar, na grande comemoração da vitória universal, no aperto de mãos da fraternidade, da solidariedade, da liberdade e da justiça social afinal conquistadas. O socialismo e o futuro do mundo. Continua na ordem do dia até a vitória final!"

O texto da palestra de João Amazonas — "Capitalismo e Socialismo" — está sendo impresso em folheto. Pedidos para o Centro de Cultura Operária, CCO, sedi-

GOVERNO CONTRA IGREJA

Mais padres podem ser expulsos

A expulsão do padre Vito Miracapillo pelo governo brasileiro, além de despertar a indignação da opinião pública, reabriu velhas fendas no relacionamento entre a Igreja e o regime militar. Há quem tente reduzir a importância do desentendimento, como o ministro da Justiça Abi Aekel, ou o representante do Vaticano no Brasil, Dom Carmine Rocco, que disse que o que houve foi "uma briguinta com um menino", insuficiente para "o rompimento do casal". Mas não é difícil perceber

atos terroristas ocorridos no Brasil. E como o decreto de expulsão do padre Vito foi assinado por Figueiredo em pessoa, é o próprio governo, em seu mais alto escalão, que está envolvido na disputa.

A crise se agrava porque os inimigos da Igreja progressista não saciam sua sede de vingança com a expulsão. O general Celso Neto, de Minas, já dirigiu novos ataques verbais contra os bispos de S. Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, e de Teófilo Otoni. E há a ameaça aos religiosos estrangeiros, inclusive o próprio D. Pedro, os padres Nicola Arpone e Henrique Roziens, entre outros, ameaçados pela Lei fascista dos estrangeiros.

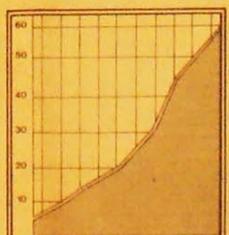
CRISE NA ECONOMIA

FMI ganhou pacote de Delfim

Logo no dia seguinte à sua última romaria pelas capitais financeiras dos Estados Unidos, Europa e Japão, o ministro Delfim Netto, entre duas garfadas de um succulento almoço, anunciou à imprensa mais um dos seus "pacotes" econômicos. Primeiro, mandou afrouxar o controle dos preços, que vão subir à vontade nos "setores competitivos". Segundo, liberou as desvalorizações do cruzeiro, que vai perder ainda mais terreno perante o dólar. E terceiro, liberou também as taxas de juros dos bancos, e com ela a especulação financeira.

DELFIN AFINOU DE VEZ
O novo "pacote" obedece às ordens dos banqueiros internacionais, principalmente os americanos. Eles acham que chegou a hora de puxar com mais força a corda da dívida externa que passaram no pescoço do Brasil. A forma de puxar a corda garra do Fundo Monetário Internacional, o FMI.

No início, para os menos avisados, parecia que o governo Figueiredo queria resistir a essa chantagem. Delfim falava grosso: "Não precisamos nem precisaremos recorrer ao FMI", dizia. Mas os patriotas brasileiros já alertavam que



Uma corda no pescoço da nação brasileira

Quanto bilhões de dólares o Brasil devia há dez anos e quanto deve hoje por culpa do regime militar.

um governo vende-pátria como o atual não merecia confiança, terminaria entregando o ouro aos imperialistas.

Dito e feito. Depois de sua última viagem, Delfim afinou de vez. Seu "pacote" deste mês segue a receita do FMI, ditada num documento de julho deste ano. Vai significar mais lucros, principalmente para os capi-

talistas dos setores financeiro e de exportação. Vai provocar um novo impulso na inflação. Vai empurrar o Brasil no rumo da recessão econômica, do desemprego e da fome para a família trabalhadora.

MAIS CONCESSÕES A VISTA

Só faltam duas medidas para a submissão do governo brasileiro ao FMI ser completa. Uma é o fim dos reajustes semestrais dos salários, a outra a liberalização das importações.

No caso da abertura dos portos para as importações, há uma disputa do mercado brasileiro, entre os capitalistas de fora e os que já se instalaram no Brasil, inclusive as multinacionais. Por isso o governo prefere ainda a linha de abrir o país, sim, mas para os investimentos e empréstimos estrangeiros.

Quando à eliminação dos reajustes semestrais, já começou, atingindo primeiro os salários mais altos, com a reforma da lei salarial que o governo enviou ao Congresso. E todos os salários poderão voltar a aumentar somente uma vez por ano, pois neste ponto todos os patrões concordam em descarregar o peso da crise nas costas dos trabalhadores. Porém os donos do poder vacilam em tomar uma medida mais

drástica com medo da reação vinda de baixo. Os reajustes semestrais foram uma conquista das greves de 1979-80. Os trabalhadores não aceitariam sua eliminação.

Essa vacilação mostrou até que ponto Figueiredo e seus ministros estão enracoados, perdidos na crise econômica.

DIAGNÓSTICO FURADO

Tanto as medidas do "pacote" como as que ainda faltam para contentar o FMI colocam como problema número um o déficit da balança comercial. Os banqueiros querem que o Brasil acabe com o déficit para conseguir dinheiro e poder pagar a dívida externa, com seus juros altíssimos. Mas do ponto de vista dos interesses da nação brasileira, este diagnóstico é falso e tem efeitos desastrosos, como por exemplo a redução dos gastos na área social, que já está acontecendo. Somente em S. Paulo, nos últimos dias, a Escola de Administração da Fundação Getúlio Vargas e o Hospital São Paulo foram fechados, enquanto a COHAB cancelava a construção de 13 mil casas populares.

São coisas assim que vão ocorrer em escala arrasadora, se o governo Figueiredo e o FMI continuarem tratando dos problemas do país.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Bandeiras que interessam

Qual a atitude dos operários conscientes, socialistas, diante de lutas de caráter democrático burguês? Esta questão se coloca freqüentemente para o movimento operário. E o caso da luta pela reforma agrária nos países atrasados da luta de libertação nacional nos países dominados por potências estrangeiras; da luta pela liberdade política nos países que vivem sob ditaduras militares e fascistas. No Brasil atual, é também o caso da campanha de massas pela convocação de uma Assembleia Constituinte livre e soberana.

Não é difícil compreender que estas são bandeiras de caráter burguês. A repartição da terra entre os camponeses, a constituição de nações independentes e a democracia parlamentar, por sua natureza, não afetam o sistema capitalista de propriedade nem o poder político burguês. São tarefas que pertencem a velha revolução burguesa que se desenvolveu no mundo até o século passado, e não da nova revolução proletária que entrou na ordem do dia do nosso século.

QUEM QUERIR ATÉ O FIM

No entanto, o que se vê atualmente? Em toda parte, é a burguesia reacionária que resiste de todas as formas à luta por estes objetivos. E é a classe operária que se mostra mais disposta a levá-los até a vitória.

Ocorre que a vitória desses objetivos abre caminho na história para outras transformações, muito mais profundas, de caráter socialista. Por isso a burguesia, mesmo no passado, em geral não se empenhou a fundo em levar até o fim a sua própria revolução. E hoje, que ela se tornou uma classe contra-revolucionária no plano mundial, trabalha inclusive para fazer voltar atrás muitas conquistas democrático-burguesas anteriores.

No Brasil isto é ainda mais claro. A burguesia brasileira nunca se engajou em movimentos revolucionários. Sempre inclinou-se para o compromisso com os latifundiários, no plano interno, e com o imperial estrangeiro, no plano internacional.

TAREFA DOS OPERÁRIOS

Coloca-se então para o movimento operário a tarefa de levar até as últimas consequências a luta por estes objetivos. E os operários têm bons motivos para isso. Primeiro porque fatores como o latifúndio, o domínio estrangeiro e a ausência de liberdade pesam diretamente sobre os seus ombros, mais do que sobre qualquer outra classe. Segundo, porque ao engajar-se nestas lutas o proletariado consegue aliados tão preciosos como a grande massa camponesa, os setores patrióticos e democráticos da sociedade. E finalmente o motivo mais importante do ponto de vista das metas finais da classe operária: por que só assim se consegue desimpedir o caminho para que a sociedade avance no sentido das transformações revolucionárias de caráter socialista.

Os operários brasileiros sabem disto por experiência própria. Nenhuma classe sofreu mais do que eles com a ausência das mais elementares liberdades democrático-burguesas sob a ditadura militar. Ao mesmo tempo, eles viram como a parte mais poderosa da burguesia brasileira aliava-se abertamente com os generais e as multas para sustentar o fascismo. E vivem agora como até a parcela liberal ou mesmo democrática da burguesia reluta em empunhar com firmeza as bandeiras da plena liberdade política, da reforma agrária e da independência nacional. Cabe à classe operária tomar estas bandeiras nas mãos e levá-las até a vitória.

MUM quer acabar com a moleza

Chapa 2 promete derrubar pelego do sindicato dos metalúrgicos do Rio de Janeiro

Os 250 mil metalúrgicos do Rio de Janeiro andam agitados. Quatro chapas disputarão dia 17 a direção do seu Sindicato. E isto depois de 16 anos de oportunidades sindicais, à sombra do regime militar.

Entre 1971, 73, a gestão de Valdir Vicente praticou tanta corrupção que abriu brecha para a ditadura intervir no sindicato impedindo a posse da chapa de oposição vencedora das eleições de 1973.

Quando foi marcada nova eleição, o mesmo Valdir, em conchavo com os interventores, conseguiu articular uma chapa única que, depois de eleita, além de sabotar a luta operária desceu o sindicato sem água, sem luz e sem telefone, cortados por falta de pagamento. Pimentel já fazia parte dessa gestão, no conselho Fiscal.

Nas eleições de 1978, ainda predominou o conchavo. Saiu um

João de Deus (E) e Arnaldo, membros do MUM

"chapo" que era uma verdadeira salada, desta vez com Pimentel na cabeça e Valdir conchavando nos bastidores, como sempre, tão afastado da categoria que se tornou corrento de moisés.

QUEM É A DIRETORIA HOJE

Essa diretoria também caiu no marasmo, trocando a luta pela con-

cessação. Pimentel formou-se em biologia e já está com um pé fora da categoria. A campanha de sindicalização de 1979 foi interrompida quando estava no pique. Na greve do ano passado, a diretoria simplesmente se omitiu. A condução do movimento terminou na mão de alguns companheiros combativos, esforçados, mas ainda sem experiência, sofreu influência de aventureiros e terminou esvaziando-se diante da repressão policial a serviço dos patrões.

COMO SURTIU O MUM

Com o movimento grevista e o avanço político da classe operária, participantes dos piquetes e da comissão de salários do ano passado viram a necessidade de participar das eleições sindicais deste ano. Foi assim que nasceu o Movimento de União dos Metalúrgicos (MUM), e que jovens lutadores operários como Zeca, Ademir, George e outros integraram a Chapa 2, de oposição e renovação.

Esse movimento ainda foi influenciado por certas ideias equivocadas, por certa estreiteza, tentando no início articular uma "unidade pré-fabricada". Aventureiros tentaram entrar por essas brechas e, quando fracassaram, formaram a Chapa 1, do divisionismo.

QUEM ESTÁ NA CHAPA 4

Enquanto isso, as velhas raposas da diretoria querem reeleger Pimentel, pela Chapa 4. E tudo como a re-

prise de um velho filme. Valdir Vicente continua com seus conchavos. E para não faltar nada, até interventores como Maranhão e José Fernandes apoiam essa chapa de conciliação e do marasmo. De novidade, só existe a Chapa 3, fruto de brigas internas alheias aos interesses operários.

Durante a campanha a Chapa 2 ampliou suas perspectivas e, apesar das deficiências, e quem reúne hoje as melhores condições para fazer uma gestão atuante e combativa. Ela precisa do apoio dos metalúrgicos cariocas. E precisa também da crítica e do controle da categoria, para reforçar o que tem de bom e corrigir as falhas. Construir um sindicato independente e representativo é tarefa de toda a categoria, e não somente de uma diretoria.

UNIDADE PARA A LUTA

A unidade é fundamental para a classe operária. Mas unidade para a luta e não para a conciliação. E quando há divergências, as bases escolhem quem vai para a direção do Sindicato.

Mas também interessa à classe chamar para a unidade todos os companheiros honestos e combativos que por equívocos perderam o rumo. Com isso vai se fortalecendo a verdadeira união dos metalúrgicos.

(Rogério Lustosa e João de Deus)

METALÚRGICOS AVALIAM CAMPANHA-SP

Preparar novas lutas

Um grupo de jovens ativistas sindicais avalia os resultados da campanha salarial dos metalúrgicos de São Paulo, a maior categoria do país, com cerca de 420 mil operários.

CARESTIA COME SALÁRIO

Apesar dos metalúrgicos ainda não terem recebido o salário deste mês, incluindo o aumento desta campanha, já se nota o descontentamento da categoria. "O pessoal está reclamando que nem recebeu o aumento de salário e as coisas já dobraram de preço. O aumento do ônibus é o que mais deixa raiva. E agora ainda vem o aumento de 100% nos alugueis", explica um operário da Zona Sul.

Muitos operários nem sabem que a campanha salarial acabou, ou quanto vão receber de aumento, dada a pequena participação nesta campanha. O que não quer dizer que os metalúrgicos não estejam dispostos a lutar contra os patrões para ser as coisas melhores. "O descontentamento este ano é maior. Muitas fábricas, que não pararam na greve anterior, este ano já fizeram greves parciais, como a MWM, onde os operários pararam para exigir o retorno de um companheiro, minha greve de solidariedade. Outras pararam contra as irregularidades da firma, como a Caterpillar e a Matiarzo".

FAI LUTA A DIREÇÃO

Conforme ressalta um torcedor mecânico, "a situação objetiva existe, o pessoal está empobrecendo e está reclamando. Agora o que falta — isto é importante — foi o fator subjetivo, a organização. O pessoal não acreditava na direção do movimento. A diretoria do sindicato, todos sabem, é fraudada, só está visando fins eleitorais. E o grupo de

METALÚRGICOS DE PIRACICABA-SP

Chapa 3 em ação!

Três chapas irão concorrer às eleições dos metalúrgicos de Piracicaba. A chapa 1 da situação, a chapa 2, que já competiu três vezes e não ganhou, e a chapa 3, que representa a força nova surgida na categoria.

A chapa 3 trouxe vida para a campanha. Logo de cara após o registro a chapa 3, "União dos Metalúrgicos", lançou o seu jornal, obrigando as chapas a se movimentarem, elevando o nível político das eleições e com isso ganhando prestígio junto a categoria.

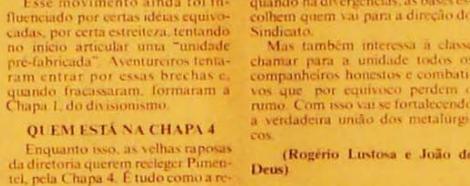
Dos 18.000 metalúrgicos que trabalham em Piracicaba somente 6.000 são sindicalizados. Isto revela a pequena confiança que a categoria tem na atual diretoria. Um dos principais trabalhos da chapa 3 é demonstrar para os trabalhadores como é importante um sindicato combativo e atuante. Nas portas de fábrica os operários têm cobrado da atual diretoria a negociação promissória no fim da greve de abril.

Muito interessante foi a frase de um metalúrgico da Motoesma, que



Meudes, candidata a presidente

quando perguntado se a inauguração da piscina de sindicato no dia 9º faria votar na chapa 1 da situação, respondeu: "Meu chapa, piscina é coisa boa, mas não ganha eleição. Vamos formar banho na piscina do Sindicato, mas vamos votar na chapa 3".



João de Deus (E) e Arnaldo, membros do MUM



Em Camacari, os petroquímicos trabalham sem segurança

PORTA DE FÁBRICA EM CAMACARI, BA

O Pólo da miséria

No Polo Petroquímico de Camacari, na Bahia, trabalham em média 5 mil operários submetidos às piores humilhações. Não têm direitos trabalhistas nem segurança no trabalho. São empregados em horas extras, trabalhando num dos maiores complexos industriais da América Latina. Todos os dias se dirigem ao trabalho (trapalhões em pau-de-arara (caminhões). Estes são os trabalhadores ligados às empresas, que fazem desde o serviço de construção civil até os serviços em contato com gases de alta periculosidade.

Muitos deles não têm noção do nível de exploração a que estão submetidos. Não possuem sindicato ou qualquer outro tipo de organização que facilite a luta de forma unificada. Os "peões", como são chamados, são os que mais sofrem. Um velho peão relata: "Eu nem sei o nome da fábrica em que estou trabalhando. Trabalho com empreiteiras, e sei que não contrati a gente não. Tem semana que eu trabalho só dois dias. A gente não assina documento nenhum. A gente recebe por metro cúbico, só 100 cruzeiros".

Nas indústrias, esses trabalhadores estão expostos aos piores riscos, sem nenhuma segurança. A maioria não usa máscaras nem vestimentas adequadas. E como diz um velho trabalhador, com cerca de 65 anos: "Se o empreiteiro tiver consciência, pode fazer uma cobertura pra gente. Se não, a gente está chumbado, o

trabalhador morre na mingua". Em virtude desse abandono, os acidentes de trabalho se multiplicam. Na maioria das vezes os acidentes ficam encobertos. Um trabalhador relata que viu "um dos piores acidentes do pólo: foi um acidente catástrofe, lá na Sertep. Um trabalhador caiu num tanque de ácido sulfúrico e morreu". Outro operário ilustra com mais um caso: "Tive um operário que caiu e o engenheiro falou que o operário era material de consumo e não tinha problema o acidente. Isso lá era montagem de uma fábrica, em São Roque. Nessa hora a peça não reagiu e se juntou para pegar o cara, que logo tirou o corpo".

MISÉRIA E REVOLTA

No Polo os operários têm que trazer comida de casa, já que a empresa não fornece. E o que se vê são centenas de trabalhadores comendo feijão misturado com farofa, a bomba.

Na última campanha salarial dos petroquímicos de Camacari a situação em que vivem e trabalham estes cinco mil operários ligados às empreiteiras foi denunciada em assembleia, o que provocou grande revolta dos trabalhadores do pólo. Muitas reivindicações foram enviadas aos patrões, mas, até agora, a situação continua igual ou pior. Aos poucos os "peões" vão entendendo que só com muita luta irão conquistar estas melhorias mínimas. (Carlos Olimpio e Elisa, da sucursal de Salvador)

ASSEMBLÉIA DOS GRÁFICOS-SP

No encerramento da última as-



O pelego manteve o sindicato fechado durante a campanha

ELETRICITÁRIOS DA BAHIA

Renovar o sindicato

Os eletricitários da Bahia preparam-se agora para mais uma importante batalha: a renovação do seu Sindicato, segundo Loureiro, candidato a tesoureiro pela chapa 2 de oposição.

"Uma das dificuldades iniciais, logo superada, foi a destinação dos trabalhadores de oposição em Paulo Afonso e de Salvador, da Ches e da Coelba. A união foi um enorme avanço".

"Nosso programa inclui a luta pela Autonomia Sindical, pelo desatrelamento dos sindicatos do Ministério do Trabalho e contra a legislação trabalhista que está sempre do lado do patrão", diz para o Tribuna Lazaro Bllac, candidato a Presidente, e ainda acrescentou: "Somos a favor da Central Única dos Trabalhadores, percebemos a necessidade dela".

Securo, candidata a Diretora Social denuncia: "Treceh 10 dias de suspensão, não me promoviam mesmo com concurso, isso além das propostas indecorosas, mas tenho o

apoio dos companheiros e não desisto".

OPERÁRIOS ANIMADOS

Mais de duzentos operários da Ches se reuniram para discutir a campanha da chapa 2, muito animados. Seu Iracema Catingueta, com quase trinta anos de Ches, foi um dos mais aplaudidos. "Sou ignorante mas não sou pelego. O pelego, na hora da luta mete a cabeça para dentro do couro, que nem catado. Estamos cansados de tantas injustiças. Estamos tendo muita união e precisamos fazer uma corrente bem forte. Nosso sindicato em Salvador parece uma estrebalaria".

Um outro operário confirmou a péssima qualidade dos assentos do sindicato e também alertou para o perigo de fraude: "a arma do pelego".

Os operários estão dispostos a lutar "contra essa situação, onde feição é só prisões", segundo José Graunqui, um dos componentes da chapa.

alguns jovens ativistas criticam, em parte, a diretoria do sindicato pela pequena mobilização da categoria. Ela tem tentado tudo para que não se forme a comissão de negociação e redação, impedindo o melhor desempenho dos textos. No lugar da categoria vai para a mesa de negociação um "bando de jornalistas da Obore", denuncia um texto.

TEXTEIS DE SÃO PAULO

Não queremos migalhas

"Não queremos migalhas. Nossa luta é contra a fome". Estes eram os dizeres de uma faixa, assinada por um grupo de operários da fábrica Vicinça, que exprime a revolta dos

textéis frente a posição patronal, que na reunião de negociação nem compareceu e não respondeu às reivindicações dos trabalhadores. Ou melhor, ainda fez exigências, quer a redução do horário de almoço para meia hora, etc.

A assembleia decisiva da campanha dos textéis será no próximo dia 23, no sindicato, e se espera um bom

comprometimento. A revolta dos operários é grande frente a arrogância dos patrões. "O patrão sem trabalhador não existe, mas o trabalhador sem o patrão existe", desabafou um operário.

Alguns jovens ativistas criticam, em parte, a diretoria do sindicato pela pequena mobilização da categoria. Ela tem tentado tudo para que não se forme a comissão de negociação e redação, impedindo o melhor desempenho dos textos. No lugar da categoria vai para a mesa de negociação um "bando de jornalistas da Obore", denuncia um texto.

Voith assassina

São Paulo, SP — A Voith é uma metalúrgica que se gabava de tratar muito bem seus operários. Dizemate que a firma é a "família Voith" mas a verdade é bem diferente. José, um trabalhador da caldearia, sentiu-se mal e procurou o Serviço Médico da empresa. O médico como sempre, deu-lhe alguns comprimidos e o mandou de volta para o trabalho. Acontece que o companheiro estava com apendicite aguda. A coisa piorou e, quando José deu entrada no Hospital, estava com o apêndice estourado e morreu.

Grande revolta existe entre os operários, que estão exigindo o afastamento do Dr. Cleber, chefe do Departamento Médico, através de um abaixo-assinado e do apelo do sindicato a outras entidades populares.

Caminhões parados

Cogonheiros, SP — Com cogonheiros realizando passeata em São Bernardo do Campo, protestando contra a situação dos empregados, que lhes negam um reajuste no frete. Depois da manifestação, realizaram uma assembleia onde decidiram manter o movimento de luta. Mesmo com as volúntades policiais os cogonheiros estão cada vez mais firmes. Em Minas Gerais, 500 caminhões também estão parados, obrigando a Fiat a ceder 2.800 cruzeiros.

Mais um sindicato

Candiba, BA — Depois de muita luta os lavadores de Candiba fundaram seu sindicato, numa assembleia animada, com mais de 300 pessoas, representantes da Fieg, CFI e dos sindicatos de Guanambi e Parahyba. Na reunião, em entrevista a Tribuna, o Miguelinho, um dos fundadores da entidade, disse que o "sindicato vai lutar pela reforma agrária radical, único remédio para a questão do

Serra, ES — Sem receber seus salários desde setembro, os 146 operários do Curtume Espinho Sinto S.A. (Curtume) estão em greve. Há falta de tramo-deus. Os trabalhadores não têm adicional de estabilidade, nem ressarcimento de férias da fábrica. A empresa não paga o 13º salário e a DRT não assina nenhuma providência. (da Sucursal)

Capanga da Lundgren

Pituba, PB — A violência vem se aprofundando contra os posseiros da fazenda Camacari, de propriedade das Grupos Lundgren, um dos grandes grupos latifundiários e indústriais do país. A situação chegou a um tal nível que culminou com a polícia proibindo o bispo dom José Maria Pires de celebrar missa. No dia 29 de outubro, com milhares de camponeses plantando 50 quilos de feijão. Mas no dia 30, os donos da fazenda mandaram armar, enquanto um curúcio chaco de capanga vigiava o local.

Graça na Corsanto

Serra, ES — Sem receber seus salários desde setembro, os 146 operários do Curtume Espinho Sinto S.A. (Curtume) estão em greve. Há falta de tramo-deus. Os trabalhadores não têm adicional de estabilidade, nem ressarcimento de férias da fábrica. A empresa não paga o 13º salário e a DRT não assina nenhuma providência. (da Sucursal)

Trabalhadores EM MARCHA

homem do campo, que vive explorado e abandonado. (da Sucursal).

Souza Cruz demite

Funageiros, MG — No dia 30 de outubro a Souza Cruz jogou mais 600 operários no desemprego, ao fechar a sua fábrica em Belo Horizonte, partilhando assim quase mil empregados demitidos neste ano. O fechamento desta fábrica não significa que a empresa esteja na falência, ao contrário. Em 1979 a Souza Cruz teve lucros de 4 bilhões e 153 milhões. E ainda neste ano ganhou do governo uma enorme soma em Utiêrida (MG), com isenção de imposto e incentivos fiscais. O Sindicato junto com os trabalhadores estão exigindo que o governo force a Souza Cruz a reabrir a fábrica e readmitir os operários (da Sucursal).

RONALD REAGAN PRESIDENTE DOS EUA

Um pistoleiro na Casa Branca

A eleição de Ronald Reagan para a presidência dos Estados Unidos, derrotando o "democrata" Jimmy Carter, foi um passo da burguesia monopolista americana para posições ainda mais direitistas. Mostra a agressividade desses monopólios no combate à expansão da outra superpotência, a União Soviética. E o seu desespero com o avanço revolucionário dos trabalhadores e povos oprimidos, que a "política de direitos humanos" seguida por Carter não conseguiu deter.

Diante disso, os grupos monopolistas dos EUA apostaram em Reagan como o homem talhado para administrar o país e sua política externa com mão de ferro.

MARÇA PARA A DIREITA

Além do apoio das multinacionais, Reagan atraiu votos com suas promessas fascistas de fazer o país "funcionar novamente" e sair do atoleiro da crise. Carter já estava muito desgastado, pois em seus quatro anos de governo a inflação subiu de 4,8 para 13% ao ano, enquanto o índice de desemprego atingia 7,5% da força de trabalho. Somente no setor metalúrgico, cerca de um milhão de operários foram demitidos.

As promessas de Reagan, porém, são falsas. A crise é fruto do próprio sistema capitalista, repetindo-se de forma cíclica e cada vez mais aprofundada. A cada período de grande expansão industrial, segue-se uma etapa de colapso, inflação, desemprego e miséria para os trabalhadores, enquanto os capitalistas disputam acirradamente os mercados existentes. Também no plano mundial, a crise aguçou a disputa entre as nações imperialistas pela conquista ou manutenção de seus mercados, disputa que aponta no sentido de uma nova guerra mundial.

Reagan, o preferido do momento das multinacionais, deverá impor a política do porrete para garantir os interesses de rapina dos Estados Unidos.

DIFERENÇA DE FORMA

Tanto Reagan quanto Carter representam a burguesia monopolista, os grandes grupos multinacionais americanos. Dessa forma, a eleição do primeiro não representou mudança quanto ao conteúdo do poder. A diferença está apenas na forma de atuação.

DESENCANTO DO ELEITOR

Essa política, contudo, não evitou que os Estados Unidos sofressem derrotas em diversas partes do mundo, enquanto com o crescimento da crise mundial, outras nações imperialistas se aproveitavam para avançar sobre países antes controlados por companhias norte-americanas. A União Soviética, em especial, acelerou sua política expansionista em várias regiões, como mostra a invasão do Afeganistão.

Carter se elegeu acenando com a bandeira dos direitos humanos, mas isso não o impediu de apoiar golpes de Estado como o da Turquia e ditadores sanguinários como Anastasio Somoza, da Nicarágua, ou Reza Pahlavi, do Irã, até o último momento.

Essa política, contudo, não evitou que os Estados Unidos sofressem derrotas em diversas partes do mundo, enquanto com o crescimento da crise mundial, outras nações imperialistas se aproveitavam para avançar sobre países antes controlados por companhias norte-americanas. A União Soviética, em especial, acelerou sua política expansionista em várias regiões, como mostra a invasão do Afeganistão.

Se as eleições representaram um avanço nas posições reacionárias e direitistas, também marcaram um novo recorde na descrença do povo da chamada democracia americana. De 160 milhões de eleitores, apenas metade votou. Essa abstenção se deve a que, embora qualquer grupo político possa apresentar candidatos, apenas os partidos apoiados pelos monopólios têm condições de vencer, devido ao custo elevadíssimo da campanha eleitoral.

Se as eleições representaram um avanço nas posições reacionárias e direitistas, também marcaram um novo recorde na descrença do povo da chamada democracia americana. De 160 milhões de eleitores, apenas metade votou. Essa abstenção se deve a que, embora qualquer grupo político possa apresentar candidatos, apenas os partidos apoiados pelos monopólios têm condições de vencer, devido ao custo elevadíssimo da campanha eleitoral.

O futuro presidente norte-americano representa uma nova tentativa de conter a maré revolucionária através da repressão desenfreada, do terrorismo. A História, contudo, mostra que a violência capitalista pode às vezes retardar por algum tempo a emancipação dos povos, mas nunca conseguiu impedi-la.

O futuro presidente norte-americano representa uma nova tentativa de conter a maré revolucionária através da repressão desenfreada, do terrorismo. A História, contudo, mostra que a violência capitalista pode às vezes retardar por algum tempo a emancipação dos povos, mas nunca conseguiu impedi-la.

Mendiga em Nova Iorque; imagem da crise



Mendiga em Nova Iorque; imagem da crise

(Dilair Aguiar)



CARAVANA DE FAMILIARES FOI AO ARAGUAIA

Na trilha dos guerrilheiros

A mata continua lá. Não tão virgem quanto há seis, sete, oito anos atrás, mas igual na sua beleza, mistérios e essência de vida. E seus habitantes, isolados pela miséria, pelo latifúndio e pela "competente" ação do Exército, ainda têm na memória a história da guerrilha do Araguaia, "a guerra do povo da mata", como eles costumam falar.

Esta história, porém, estava enterrada, por ordem do Exército. Não se podia falar nela. Até que, no final de outubro, os pais, irmãos, filhos, cônjuges dos que morreram ou desapareceram no combate ao Exército partiram em caravana para o vale do Araguaia, dispostos a descobrir a verdade. E distribuíram um apelo ao povo do lugar.

"PEDIMOS APOIO"

Como é do conhecimento de todos — dizem eles, num apelo ao povo do lugar — durante os anos de 1972 a 1975, houve uma verdadeira guerra nesta região. Depois de uma enorme campanha militar, dezenas de guerrilheiros e moradores da região foram mortos. Até hoje, passados tantos anos, não conseguimos uma notícia oficial sobre estas pessoas. Agora, nós, familiares destas pessoas, estamos aqui para saber o que aconteceu e encontrar os corpos dos que foram mortos. Pedimos apoio aos moradores para localizar nossos parentes. Qualquer indicação, qualquer notícia pode ser importante.



"A terra também é da gente..."

Goianinha, manhã do dia 7 de novembro. Parece um dia como outro qualquer. No "Palácio das Esmeraldas" o governador e seus auxiliares enchem os bolsos e fazem leis e mais leis para proteger os patrões. Na prefeitura é a mesma coisa. Nas ruas o desemprego, o roubo, as crianças sem escola. Mas há luta nesta manhã. Na vila João Vaz, cartucheiras, cães, bombas, tropas de choque da PM são lançadas contra os trabalhadores que ocuparam uma área de 48 mil metros quadrados para se li-

verem dos viadutos, dos aluguéis exorbitantes e da chuva. Dentro de um carro, o empresário Hugo Micheletti, que seduzido do terreno, assistiu com muita alegria a violência sobre os trabalhadores. Afinal, sua grilagem estava sendo assegurada pelas armas do governo.

ROMPE-SE O SÍLÊNCIO

A caravana desloca-se sob a constante observação de olheiros. A certa altura, um senhor aproxima-se, em lágrimas, para segredar que conheceu vários guerrilheiros, mas está sendo perseguido e nada pode falar. E a lei do Exército.

Mas pouco a pouco as histórias vão surgindo. À margem da OP-1, uma das estradas abertas em plena selva durante a terceira campanha do Exército contra os guerrilheiros, um rapaz conta que tem um irmão que "o que ele sabe foi dona Cristina que ensinou", e vai relatando detalhes de como viviam "aqueles moços que vieram de São Paulo". Mas perde de a desenvolver com a chegada de sua mãe, que teve o marido preso e torturado pelos militares, apenas por morar ao lado dos guerrilheiros.

Lauro, outro camponês, hoje com 22 anos, aos 16 trabalhou num pequeno armazém com alguns guer-

rilheiros. Conta que seu pai foi preso por ser amigo dos combatentes da mata. E relatou também porque hoje ele possui uma mão mecânica: quando começou a guerra ele e sua família foram expulsos de casa, andando por um local onde tropas haviam estacionado, junto com um companheiro, encontraram uma garrafa de cor verde, que explodiu quando a pegaram. Era uma granada. Seu companheiro morreu e Lauro perdeu a mão. Mas até hoje não foi indenizado, apesar do Exército ter reconhecido que a granada era sua.

No povoado de Palestina, uma senhora já de idade dá uma ideia de como a operação militar levou o terror à região. Conta que na ocasião da guerra ela fez um buraco para se abrigar com seus filhos, na hora em que o Exército entrava em ação, com seus helicópteros e bombas.

A GUERRA SECRETA

Ao passar por Brasília, de volta do Pará, a caravana esteve no Congresso e assistiu a discursos das lideranças do PMDB, do PT e do PDT, que exigiam do governo esclarecimento sobre o que ocorreu no Araguaia entre 1972 e 1975. Apenas Cantídio Sampaio, o deputado policial do PDS, teve o desplante de defender o silêncio do governo, dizendo que houve uma guerra e numa guerra as coisas são assim mesmo.

(Conceição Freitas, enviada especial)



ABRAÇOS, LÁGRIMAS E FOGUETES

Vitória Grabois, esposa, filha e irmã de guerrilheiros, relatou à Tribuna como o povo do lugar recebeu a caravana. "Chegamos em Boa Vista dos Perdidos, último lugarejo do Sul do Pará, na segunda-feira, 3 de novembro, depois de duas horas de viagem pelo rio Araguaia. No caso, muitos camponeses nos abraçavam. Alguns soluçavam como crianças e falavam com muito carinho dos nossos pais, mandando irmãos, filhos. "Daí cas, partimos, em carroças, rumo à vila. Pelo caminho, estouravam os foguetes e os vivas dos nossos amigos camponeses. A rua das Flores, a principal do lugar, estava ornamentada para receber os familiares dos mortos e desaparecidos na guerrilha. Ali mesmo nos ofereceram um verdadeiro banquete, preparado por quase todas as mulheres do povoado. "Em Boa Vista dos Perdidos que sentimos mais interesse por abraços e lágrimas e sorrisos. Em outros lugares, sentimos também a presença constante dos filhos do Exército, pagos para provocar e intimidar. Mas mesmo assim a solidariedade do povo transparecia, nos abraços, nas lágrimas, refletindo carinho e respeito pelo combatente da mata. "A caravana chegou com centenas de pessoas, colhendo relatos de extraordinária importância. Constatamos, por exemplo, que poucos guerrilheiros morreram em combate. Na maioria foram aprisionados com vida e levados para os quartéis de Marabá, Bacabá e Xambioá. Ali eram mortos a sangue frio. Suas mãos e cabeças iam depois para Brasília, a fim de serem identificadas."

ABRAÇOS, LÁGRIMAS E FOGUETES

Vitória Grabois, esposa, filha e irmã de guerrilheiros, relatou à Tribuna como o povo do lugar recebeu a caravana.

"Chegamos em Boa Vista dos Perdidos, último lugarejo do Sul do Pará, na segunda-feira, 3 de novembro, depois de duas horas de viagem pelo rio Araguaia. No caso, muitos camponeses nos abraçavam. Alguns soluçavam como crianças e falavam com muito carinho dos nossos pais, mandando irmãos, filhos. "Daí cas, partimos, em carroças, rumo à vila. Pelo caminho, estouravam os foguetes e os vivas dos nossos amigos camponeses. A rua das Flores, a principal do lugar, estava ornamentada para receber os familiares dos mortos e desaparecidos na guerrilha. Ali mesmo nos ofereceram um verdadeiro banquete, preparado por quase todas as mulheres do povoado. "Em Boa Vista dos Perdidos que sentimos mais interesse por abraços e lágrimas e sorrisos. Em outros lugares, sentimos também a presença constante dos filhos do Exército, pagos para provocar e intimidar. Mas mesmo assim a solidariedade do povo transparecia, nos abraços, nas lágrimas, refletindo carinho e respeito pelo combatente da mata. "A caravana chegou com centenas de pessoas, colhendo relatos de extraordinária importância. Constatamos, por exemplo, que poucos guerrilheiros morreram em combate. Na maioria foram aprisionados com vida e levados para os quartéis de Marabá, Bacabá e Xambioá. Ali eram mortos a sangue frio. Suas mãos e cabeças iam depois para Brasília, a fim de serem identificadas."

"Daí cas, partimos, em carroças, rumo à vila. Pelo caminho, estouravam os foguetes e os vivas dos nossos amigos camponeses. A rua das Flores, a principal do lugar, estava ornamentada para receber os familiares dos mortos e desaparecidos na guerrilha. Ali mesmo nos ofereceram um verdadeiro banquete, preparado por quase todas as mulheres do povoado. "Em Boa Vista dos Perdidos que sentimos mais interesse por abraços e lágrimas e sorrisos. Em outros lugares, sentimos também a presença constante dos filhos do Exército, pagos para provocar e intimidar. Mas mesmo assim a solidariedade do povo transparecia, nos abraços, nas lágrimas, refletindo carinho e respeito pelo combatente da mata. "A caravana chegou com centenas de pessoas, colhendo relatos de extraordinária importância. Constatamos, por exemplo, que poucos guerrilheiros morreram em combate. Na maioria foram aprisionados com vida e levados para os quartéis de Marabá, Bacabá e Xambioá. Ali eram mortos a sangue frio. Suas mãos e cabeças iam depois para Brasília, a fim de serem identificadas."

"A caravana chegou com centenas de pessoas, colhendo relatos de extraordinária importância. Constatamos, por exemplo, que poucos guerrilheiros morreram em combate. Na maioria foram aprisionados com vida e levados para os quartéis de Marabá, Bacabá e Xambioá. Ali eram mortos a sangue frio. Suas mãos e cabeças iam depois para Brasília, a fim de serem identificadas."

NOVO SALÁRIO MÍNIMO

Exploração fora da lei

Com o reajuste de novembro, o salário mínimo brasileiro passou a ser de 5.795 cruzeiros nas regiões mais industrializadas, 4.795 nas intermediárias e 4.449 cruzeiros nas mais atrasadas. Mas uma vez, um salário de miséria.

CONDUÇÃO PARA 2 SEMANAS

A mesma lei destina 4% do salário atual para transporte, ou seja, 231 cruzeiros e 80 centavos no caso do salário atual. Tomemos ainda o exemplo do trabalhador de São Paulo. Acontece que a passagem dos ônibus urbanos acaba de subir de 9 para 13 cruzeiros. Supondo-se que nosso trabalhador use apenas uma condução para ir ao emprego, não se divirta nem sua aos domingos, ele gastará 130 cruzeiros por semana de condução. O salário não dá nem para duas semanas!

CONQUISTA DESTRUÍDA

O salário mínimo foi uma conquista do trabalhador brasileiro, alcançada no governo de Getúlio Vargas e destruída depois do golpe militar de 1964. A lei que o criou previa, inclusive, comissões paritárias de patrões e trabalhadores, em cada Estado, para participar do cálculo dos reajustes do mínimo. Os militares acabaram arbitrariamente com elas e passaram a impor os índices.

E a lei de 1938 ainda tinha muitos defeitos, pois previa apenas os gastos de um trabalhador, sem contar sua família. E não incluía despesas com ensino, saúde e lazer, entre outras. Porém o fato é que hoje nem ela é aplicada. A título de exemplo, basta dizer que a lei prevê uma ração mensal de seis quilos de carne por mês (coelho mole). Qual é o trabalhador de salário mínimo que hoje em dia consegue comer seis quilos de carne por mês?

TUDO PELO LUCRO

Mesmo assim, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística revela que no Brasil de hoje 33% da população economicamente ativa ganham o salário mínimo, ou menos ainda. E que a sede

de lucro dos patrões não tem limites, chega até a ameaçar a própria sobrevivência física dos que trabalham. O único limite é imposto pelo próprio trabalhador, com sua união, sua organização e sua luta.

Nos últimos 16 anos de regime militar, os brasileiros aprenderam por sua própria e amarga experiência até que ponto isto é verdadeiro. No confronto entre o salário e o lucro, os militares sempre forçaram para dar a vitória ao segundo. Em 1959, na indústria, os salários representavam 43% do valor total gerado e os lucros 57%. Em 1974, depois de dez anos de arrocho, os salários haviam caído para 9% e os lucros subido para 71%.

UMA LUTA ATUAL

Neste quadro, a luta por um salário mínimo que permita ao trabalhador e a sua família uma vida digna adquire cada vez mais força. Todos os congressos sindicais e muitos movimentos grevistas levantam a que-fil. Vários sindicalistas ouvindo pela Tribuna consideram inclusive que esta luta pode unir os trabalhadores de todo o Brasil e das mais diferentes faixas salariais.